



Sob a máscara de Antônio Verde: um estudo do universo literário de Aníbal Machado no início do século XX

Under Antônio Verde's Mask: A Study of Aníbal Machado's Literary Universe in the Beginning of the 20th Century

Marcos Vinícius Teixeira

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul / Brasil.

marcosteixeira@uems.br

Resumo: Aníbal Machado (1894-1964) é um importante escritor do Modernismo brasileiro. Suas obras têm sido estudadas no meio acadêmico e fora dele, mas a sua produção anterior a 1944 não tem recebido a devida atenção. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é estudar a produção literária da primeira fase do escritor, quando apareceu nas páginas das revistas *A Vida de Minas* e *A Cigarra* com o pseudônimo de Antônio Verde, entre os anos de 1915 e 1920, considerando-se as datas de publicação dos textos. Neste estudo, procura-se demonstrar que duas vertentes estéticas convivem em seus textos no período: uma, passadista, possivelmente herdeira do Simbolismo, caracterizada por uma linguagem sugestiva e por um clima de mistério; outra, marcada por uma linguagem menos obscura, mais próxima da dimensão da crônica, detentora de maior objetividade, que predominará na produção futura do escritor. Espera-se, assim, contribuir para uma melhor compreensão da obra do escritor modernista.

Palavras-chave: Aníbal Machado; Antônio Verde; *A Vida de Minas*; *A Cigarra*.

Abstract: Aníbal Machado (1894-1964) is an important Brazilian Modernist writer. His work has been studied in the academy and out of it, but his production before 1944 has not received its due attention. To this end, the purpose of this article is to study the literary production of this writer's first phase, when he appeared on the pages of *A Vida de Minas* and *A Cigarra* magazines, under the pseudonym Antônio Verde, from 1915 to 1920, considering the dates of publication of these texts. This study aims to demonstrate two aesthetic dimensions that coexist in his texts in that period: one,

pertaining to the past, possibly with Symbolistic features, characterized by suggestive language and an aura of mystery; the other one, marked by a less obscure language, closer to the dimension of a more objective chronicle, which will dominate the writer's future production. In this way, we expect to contribute to a better understanding of the work of such Modernist writer.

Keywords: Aníbal Machado; Antônio Verde; *A Vida de Minas*; *A Cigarra*.

Autor de contos importantes como “A morte da porta-estandarte” e “O iniciado do vento”, de uma obra experimental intitulada *Cadernos de João* e do romance *João Ternura*, publicado postumamente, Aníbal Machado teve uma trajetória bastante singular na história do Modernismo brasileiro. Nas últimas décadas, sua produção tem recebido cada vez mais atenção da crítica literária, especialmente nas universidades brasileiras. Os primeiros textos do escritor, publicados em revistas e jornais, no entanto, não têm sido objeto de estudo. Da produção anterior à publicação de seu primeiro livro, *Vila feliz*, ocorrida somente em 1944, destacam-se os textos publicados sob o pseudônimo de Antônio Verde e sua participação nos livros *O capote do guarda* e *Brandão entre o mar e o amor*. Neste artigo, estudamos alguns textos que aparecem com o pseudônimo de Antônio Verde, publicados tanto na revista *A Vida de Minas*, em 1915, quanto na revista *A Cigarra*, em 1920. Nosso propósito é demonstrar que na primeira produção literária de Aníbal Machado convivem duas dimensões estéticas diferentes e até mesmo antagônicas. Em alguns textos verifica-se um clima de mistério e uma linguagem fortemente sugestiva, o que nos permite pensar numa herança simbolista. Já em outros, nota-se uma maior objetividade e uma linguagem cristalina, anunciando o universo modernista que predominará na sua produção literária posterior.

Para o estudo da primeira produção literária de Aníbal Machado, consideramos como primeira fase o período que vai da publicação de seus primeiros textos até o ano de 1923. Nesse período, o escritor residiu em Belo Horizonte, viveu um tempo no Rio de Janeiro, retornou a Belo Horizonte, depois se mudou para Aiuruoca, no sul de Minas Gerais, onde passou um ano, e voltou a morar na capital mineira. O período coincide, em parte, com a época em que cursou Direito, tendo iniciado a faculdade em 1913 e terminado em 1917. Em 1923, mudar-se-á para o Rio de Janeiro, onde permanecerá até o fim de sua vida. “O sentido das estátuas”, que parece ser a primeira publicação do autor, ainda não foi

localizado pela crítica e a única informação que temos sobre ele é dada pelo autor em “Autobiografia”.

Nessa época [dois últimos anos do curso de Direito], ou creio que antes, publiquei numa revista de estudantes um dos meus primeiros escritos intitulado “O sentido das estátuas”, uma coisa inteiramente sem sentido, e eu daria um doce para quem a entendesse (MACHADO, 1994, p. 292).

Em uma reportagem feita por Renard Perez para o *Correio da Manhã*, em 4 de fevereiro de 1956, novamente somos informados de que o autor o redigiu enquanto cursava Direito: “recorda-se de um ensaio meio metafísico, escrito ainda ao tempo da faculdade – ‘O Sentido das Estátuas’ – e que até hoje não consegue decifrar” (PEREZ, 1956, p. 8).

Em sua primeira fase, o escritor assinou seus textos tanto com seu nome quanto com o pseudônimo Antônio Verde, havendo ainda a possibilidade de ter utilizados abreviações ao publicar em revistas. Como Antônio Verde, apareceu tanto nas páginas de *A Vida de Minas*, que circulava no estado de Minas Gerais, quanto em *A Cigarra*, revista de tiragem maior, que circulava não só em São Paulo, mas em boa parte do país. Na reportagem feita por Renard Perez, em 1956, afirma-se que o pseudônimo surgira em homenagem aos escritores portugueses Antônio Nobre e Cesário Verde: “[...] entre os seus autores preferidos, no gênero, destacavam-se Antônio Nobre e Cesário Verde (de cujos nomes retiraria o pseudônimo utilizado nos primeiros trabalhos)” (PEREZ, 1956, p. 8). Todas as referências que encontramos sobre o pseudônimo em notas de jornais ou textos críticos reproduzem, sem outra fonte, a informação que Perez registrou em 1956. Apesar da provável origem do pseudônimo, a leitura dos textos assinados com o pseudônimo revela uma quantidade considerável de referências a autores diversos. Apesar da utilização do pseudônimo, no decorrer de suas publicações, tanto a revista mineira quanto a paulista se encarregaram de informar aos leitores que se tratava de Aníbal Machado. Com isso, o autor não esconde a sua identidade e o uso do pseudônimo pode estar ligado ao universo literário que se formou em torno do periódico mineiro.

Em *A Vida de Minas*,¹ aparecem, a partir de 1915, alguns textos que podemos afirmar que são publicações de Antônio Verde. São eles: “Último festim”; “De um cigarro...” e “Estão-lhe vendo a carantonha?”.² Além dos textos assinados com pseudônimo, consideramos também os textos que constam na Coleção Aníbal Machado no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG. Além dos três textos, aparecem ainda artigos assinados como *A. V.*, que talvez pertençam ao escritor.

No primeiro texto publicado em *A Vida de Minas*, já observamos uma atmosfera sombria, herdeira talvez do simbolismo, em que se pode notar um clima de mistério e uma atmosfera decadente. Vejamos um fragmento:

– Convivas! meia noite vai soar...
Esgotou-se o último sofisma... É preciso que sorvamos a taça, antes que ela aproxime, a Deusa insulsa – Nossa Senhora a Realidade!... já a vi, pelas mãos do Tédio guiada, penetrar neste recinto sagrado de magias.
Dispamos os tirsos das rosas e dos mirtos e cubramos de luto os mármore, os mármore espectrais que nos falam.
Paira sobre os cristais sonâmbulos deste banquete o perfume letal do último sonho, e, pelas nossas carnes, sentimos roçar os mantos algidos do êxtase eterno!... (VERDE, 1915)

Em “Último festim”, nota-se uma contraposição de espaços. Do lado de fora está a deusa insulsa chamada Realidade, que pode chegar a qualquer momento acompanhada do Tédio. Dentro, temos um recinto mágico e sagrado. Também nesse ambiente, existe a taça fatal, cujo ventre emana “sugestões alucinadoras de abandono e morte”. A meia-noite se aproxima e para que o estado de ebriedade se mantenha, os convivas são estimulados a sorver a bebida abrigada nas taças. A meia-noite parece se tornar uma espécie de não tempo, em que a realidade poderia ser negada em plenitude. A morte, chamada de volúpia secreta da vida, é solicitada a ser a “escultora desse instante eterno”.

¹ O Arquivo Público da cidade de Belo Horizonte disponibilizou 15 números da revista *A Vida de Minas* em meio virtual, observando-se a seguinte sequência numérica: 1-10, 12, 19, 21, 24 e 25. Os números 5 e 6 se referem a uma única edição. Além disso, os números de 01 a 14 da revista também foram consultados em biblioteca particular.

² Este texto está publicado sem título em *A Vida de Minas*. Adotaremos aqui “Estão-lhe vendo a carantonha?” como título para nos referirmos a ele.

De forma semelhante, o texto “De um cigarro...” se ambienta no período noturno e possui linguagem sugestiva e clima de mistério. Em vez de uma bebida, tem-se agora o cigarro como o elemento gerador de devaneio. Aníbal Machado parte de um conto de Pièrre Louÿs, “Une volupté nouvelle”, para criar a imagem de uma Salomé inspirada em Gustave Moreau, saída ou formada, nesse caso, da fumaça emanada do cigarro. É tarde da noite, e o personagem, que há pouco adentrara o quarto, trouxe consigo um tédio desmedido e uma vontade de “viajar toda a vida”, acende o seu cigarro de onde vê surgir uma mulher que o alumbra. Interrompida a revelação de mulher sensual, o personagem reanima a brasa do cigarro e faz voltar, pela fumaça que preenche o quarto, a imagem de sua Salomé:

Já começo a desconfiar. Alguma perfidia do cigarro? Olho mais: o rubi da brasa acende na treva esmeraldas, que são dois olhos verdes a olhar para mim penetrantemente, a encarar-me, a fixar-me pela hipnose mágica das pupilas... Fico aterrado e já começo a sentir calafrios de febre. Outra [baforada] mais violenta, e duas pernas impecáveis no espaço surgem, a apoiarem um torso que já se definiu. Aí paro, trêmulo, surpreso, maravilhado:
– É o teu corpo, é o teu corpo! exclamo; ainda bem que o trago preso à brasa do meu cigarro! (VERDE, [191-a]).

Ainda não é possível falarmos em Surrealismo, mas a atmosfera do texto, a ideia da bebida em “Último festim” e agora a de um cigarro que nos remete ao uso de substâncias entorpecentes, a mulher como um mito fulgurante que surge como uma revelação do cotidiano, permitem-nos perceber que a circulação das obras do grupo de André Breton encontrara terreno favorável no universo literário do escritor mineiro. Na época, a relação de volúpia, tédio e certo devaneio devia estar ligada ainda ao século XIX, como, por exemplo, encontramos em *Paraisos artificiais*, de Charles Baudelaire.

Se em “Último festim” e “De um cigarro...” nota-se um aspecto sombrio e sugestivo, em outro texto, “Estão lhe vendo a carantonha?”, características bastante diversas podem ser observadas. “Estão lhe vendo a carantonha?” aparece nas páginas de *A Vida de Minas*, ilustrado com a imagem de um homem de bigodes, com camisa de colarinho, gravata e cartola. Aqui trata-se de apresentar um personagem conhecido dos habitantes de Belo Horizonte, especialmente dos frequentadores do Bar

do Ponto e da região boêmia da cidade. O tratamento aproxima-se ao que encontramos no gênero da crônica:

Profissão? Bacharel, doutor, banqueiro, coronel – como queira – mas, sobretudo, Mingote. E todos os que encaram a vida sobre o ponto de vista *mingote* sagram-no filósofo; alguns o invejam, e se alguém lhe sorri zombeteiro é porque tem o receio covarde de dizer que o admira. Porque ele é mais um caso de estética do que de moral. Ama a noite, o charuto e o fraque sobre todas as cousas e perambula sempre pelos cafés-concertos com um ar de quem diz “ah! não sabes duma...”, a conversar sobre assuntos elevados: *champagne*, quinto andar de uma pensão, dr. Thom, etc...

Adora a galanteria fina, os perfumes que saibam – frangipana, e as longas medidas afidalgadas de Luiz XV. Coloca flor na lapela com mais facilidade que os nossos escritores os pronomes. Sua vida por certo não seria mais proveitosa de que a de um desembargador, de um político, de um professor público; apenas mais original e colorida, para não dizer genial (VERDE, [191-b]).

Mingote também aparece registrado por Pedro Nava em suas memórias, tanto em *Beira-mar* quanto em *Chão de ferro*, como uma figura curiosa e frequentador de um bordel do “quadrilátero da zona”. A presença do charuto, que se assemelha a um periscópio nas palavras de Antônio Verde, sugere o uso de entorpecentes. Em uma cena descrita no texto, Mingote se aproxima de um senhor e fala “como é, doutor... vamos ver um daqueles...”, o que reforça essa ideia. Num livro sobre a capital mineira, Benvindo Lima afirma que Mingote “era quase o único viciado em drogas da cidade, pois, além da cachaça e da cerveja, gostava de cocaína, a única droga conhecida na época” (LIMA, 1996, p. 33).

É interessante observar que esse texto se caracteriza de modo diferente em relação aos demais, não só pela proximidade com a crônica enquanto gênero, mas por manter em alguns momentos a dimensão sugestiva encontrada nos anteriores, como é possível perceber em passagens como:

Pois ele está em toda parte, ele e seu charuto. É o seu periscópio – denuncia-o sempre e é quase toda a sua psicologia.

Leve, onduloso e fugitivo como a fumaça e como a fumaça redemoinhando num vórtice em que se conjugam volutas de fumo, rabonas de fraque e uma cartola amarfanhada (VERDE, [191-b]).

No entanto, a maneira de abordar o personagem se faz por meio de um diálogo com o leitor, que pode se manter próximo ao narrador, como quem ouve uma confidência ou é comunicado de alguma história curiosa colhida no cotidiano da vida. O texto apresenta objetividade. A linguagem, com exceção de algumas passagens como a que notamos acima quando se torna bastante sugestiva, se revela cristalina e direta. O humor se faz presente de uma forma leve e há um tom descontraído e cativante na forma como o personagem é “apresentado” ao seu leitor. Em “Estão lhe vendo a carantonha?”, Aníbal Machado se afasta do universo passadista que predomina nas páginas de *A Vida de Minas* e se aproxima do tipo de universo literário que estará presente em obras como *João Ternura* e parte de *Cadernos de João*. Assim, já em *A Vida de Minas*, podemos encontrar duas perspectivas presentes na primeira produção do escritor. Uma, de viés místico e passadista, tende a ceder para a outra, marcada pela dimensão da crônica e pela linguagem cristalina. Esta, ganhará novo rumo com a descoberta do Surrealismo, que terá em Aníbal Machado um dos maiores entusiastas.

As duas perspectivas também são encontradas nos textos que o escritor publicou na revista *A Cigarra*, anos antes da Semana de Arte Moderna. Com circulação muito maior do que *A Vida de Minas*, esse periódico possuía grande circulação em São Paulo, alcançava várias regiões do país e chegava a ser vendido na Argentina, além de ter tido representação em outros três países no início dos anos 1920.³ O escritor aparece como *A. Verde* no dia 2 de março de 1920, assinando dois textos breves publicados sob os títulos de “Monólogos de Hamlet”. Na mesma perspectiva dos textos já comentados, sua primeira publicação em *A Cigarra* alude à ópera *Salomé*, de Oscar Wilde, reforçando sua inclinação simbolista:

De noite, havia uma tristeza no ar, a lua, cambaleava, bêbeda, como quando Herodes, segundo me confidenciou Wilde, sentia sobre a cabeça tinta de sangue, o presságio de “um rumor de asas, o bater de grande asas invisíveis...” e aquela nuvem isolava-se na sua pureza de virgem não beijada e conservando incorruptível o perfume dos lírios brancos (VERDE, 1920b).

³ A revista *A Cigarra* foi disponibilizada na internet pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo.

O título “Monólogos de Hamlet” é o mesmo nos dois textos, que aparecem em páginas diferentes e com anúncios entre um e outro. Tudo indica, no entanto, se tratar de dois textos que deveriam vir sob o mesmo título, mas que devido à diagramação da revista acabaram separados e tiveram, talvez por isso, o título duplicado. No primeiro, temos um personagem que confessa a um amigo estar apaixonado pela imagem de uma nuvem, que aparece virgem e imaculada. Numa tarde, ela foi assediada por “anões disformes do Ar”, tisonando-a: “era a satiríase dos elementos”. Na sequência, como num ato em que é desvirginada, a nuvem aparece manchada de sangue com o sol em declínio. Àquele que lhe diz ser um lindo pôr do sol, responde o personagem que se trata da nuvem. Em seguida, a narrativa é retomada em primeira pessoa e finaliza com o seguinte fragmento:

Hoje eu amo as flores, de um amor doentio, doloroso como uma ferida. Que todas guardam no ovário humilde a gota d’água vinda do céu e em cujo cristal líquido vibra a virgindade branca que procuro pelo remotíssimo azul, acima das agulhas d’ aço das catedrais e do pó que o sr. prefeito não extingue nem jamais extinguirá, porque...

Você não terá um cigarro aí? (VERDE, 1920b).

A imagem do pó que o senhor prefeito não extingue, ao final do texto, interrompida pelo pedido de um cigarro, atribui forte sugestão à narrativa, que é reforçada por termos como “amor doentio”, “ferida”, “agulhas d’ aço”, dentre outros. De fato, atribui ambiguidade à imagem da nuvem e à sua visão. Talvez, a diferença de visão entre os personagens, em que um vê o pôr do sol e o outro afirma ser a nuvem, possa advir de um pó que o prefeito parece querer proibir ou perseguir. O pedido de cigarro, que interrompe o relato, soa como algo inocente diante da gravidade do que pode ter sido omitido com a presença das reticências. Se em “Estão lhe vendo a carantonha?” o uso de entorpecente aparece ligado a uma figura conhecida da sociedade belo-horizontina, nesse texto, de forma sugestiva, pode ser relacionado ao protagonista, se tomarmos o texto nesse sentido. Vale observar que, por outro lado, há um certo humor no texto que desconstrói ao mesmo tempo a imagem do possível entorpecente, delimitando a ambiguidade. O humor reside no inusitado de se estar apaixonado por uma simples nuvem e pela referência ao gênero da comédia em seu início. A referência a Hamlet no título reforça, em todo caso, a ideia de visão de algo completamente insólito.

O segundo texto, publicado com o mesmo título, mantém a ideia de um relato ao modo monólogo, embora haja um breve diálogo lembrado no mesmo, mas revela características bastante diversas do anterior, por apresentar um viés mais próximo da crônica e um teor bem menos sugestivo. De fato, os dois textos permitem observar a convivência de duas questões estéticas na obra do escritor, que passará de um viés mais místico e sombrio da fase em que assina como Antônio Verde para uma dimensão de maior objetividade e leveza como o encontraremos depois. Esse segundo texto se assemelha, nesse sentido, ao já comentado “Estão lhe vendo a carantonha?”, o que permite entrever que as duas perspectivas já se encontravam no escritor durante este período. Sobressairá, posteriormente, a perspectiva que o aproxima da crônica e que utiliza uma linguagem mais clara.

Nesse segundo texto, o sabor de crônica também se dá por uma menção que parece se referir à turma de estudantes de Direito do escritor, que se formara em 1917: “Certa noite, um lugar de ouro nas árvores, vínhamos em lento grupo para o estudo em vésperas de exame”. Em outra passagem, lemos: “Foi há tempos, numa ‘república’”. O acontecimento, como se vê, ocorre com estudantes, dentre os quais o narrador. Logo no início do texto a questão a ser relatada é pontuada de forma teórica: “o heroísmo é a vaidade em função das plateias”. Após mencionar Carlyle e Schopenhauer, Aníbal Machado recupera a famosa afirmação de Ralph Waldo Emerson de que o homem é sincero sozinho e que a hipocrisia se inicia quando está com mais alguém. A ironia, que será tão importante na sua fase madura, já aparece aqui: “Imaginem Napoleão em ceroulas, num quarto de pensão, sem os “*vieux grogneurs*” e sem a plateia do mundo... Que lindo herói! Querem ficar convencidos?” (VERDE, 1920b).

A escolha de Napoleão, como sabemos, é cara a Aníbal Machado e será aproveitada em seu romance *João Ternura*, quando da escolha de uma figura importante para o protagonista. Ternura, no entanto, recusará a imagem de Napoleão e viverá vagabundo e livre pelas ruas do Rio de Janeiro. Nesse sentido, a palavra *herói* no fragmento destacado também ganha significação em relação a seu único romance. Como já tivemos oportunidade de afirmar,⁴ é possível que Aníbal Machado tenha iniciado o seu romance por esta época, como nos informa Pedro Nava em *Beira-mar*.

⁴ Na dissertação de mestrado, *João Ternura: romance de uma vida*, defendida na UFMG em 2005, argumentei que a crítica literária pode ter se equivocado em relação

Retomando o segundo texto de “Monólogos de Hamlet”, Napoleão aparece marcado pela ironia do escritor, como exemplo de uma figura importante que pode existir sem ter público. Nessa perspectiva, mas sem a importância de Napoleão, teremos os personagens Eusébio e Silva, possíveis estudantes que andavam inimigos por conta de questões ideológicas e políticas. A questão entre eles ganha maior relevo quando envolve uma figura feminina “de olhos lindíssimos de andaluza castanholando entre gambiarras”. Certa noite, quando o narrador chega acompanhado de um amigo à tal república, ouvem Eusébio e Silva discutindo severamente por motivo de uma moça. Diante da preocupação do colega, o narrador indaga e afirma: “Estão sozinhos? Então não há perigo...”. Na dúvida, correm a socorrer os colegas. Diante da plateia, agora instaurada, os concorrentes representam a cômica cena da falsa coragem:

Houve teima dos companheiros; correram e os dois adversários, projetados num súbito heroísmo, arrancaram de instrumentos perfurantes e detonantes...

– Larguem-me! Larguem-me, que eu quero matar este cachorro, etc., etc., etc...

Ora notem vocês...

(Crepúsculo roxo. A cidade tem a doçura de uma velha estampa. Acendem-se as luzes e os cartazes vestidos de vermelho gritam nas suas legendas: *Pour la Patrie!*) (VERDE, 1920b).

Como se pode observar, os dois textos publicados com o título “Monólogos de Hamlet” são bastante diferentes e representam as duas perspectivas que marcam a produção literária de Aníbal Machado enquanto Antônio Verde. Enquanto o primeiro apresenta nítida inclinação simbolista e é marcado por forte teor sugestivo, o segundo apresenta uma linguagem mais clara, apesar de algumas passagens possuírem uma dimensão mística, o tema é abordado com maior objetividade e o sabor de crônica é visível, seja pelo tema escolhido, seja, em especial, pelo tratamento dado a ele. O final do segundo texto, como pode ser observado no fragmento acima nas imagens narradas entre parênteses, se assemelha às crônicas de João do Rio ao trazer uma imagem diversa do que é relatado no correr do texto. No caso de Antônio Verde, temos nova ironia, pois

à data de início da escrita do romance e, seguindo informações de Pedro Nava, adotei e propus o início da década de 1920 como data mais provável de início de escrita da obra (Cf. TEIXEIRA, 2005).

a cidade, o crepúsculo e a nação passam longe e indiferentes, supomos, da questão particular e amorosa que afeta os dois homens.

Pouco tempo depois, em 1º de maio de 1920, o escritor torna a publicar na revista *A Cigarra* sob o mesmo pseudônimo. Desta vez, no entanto, o texto “Melodia de maio...” vem acompanhado de uma informação que revela o seu verdadeiro autor, conforme reproduzimos a seguir:

Antônio Verde é o pseudônimo que mal esconde a estranha e esquisita personalidade de Aníbal Machado, um dos mais encantadores espíritos da nova geração literária de Minas. Aníbal Machado é um místico adorável, cheio de sensibilidade e de uma magnífica força de expressão verbal, como se poderá ver nos três lindos “sultos” de sua autoria, sobre Maio, que estampamos abaixo (VERDE, 1920a).

A informação é curiosa e permite que se levantem vários questionamentos acerca de sua publicação, especialmente porque não encontramos mais textos de Antônio Verde após esse registro e a única menção a seu nome, posteriormente, vem registrada com outro elogio. Não há como saber, no entanto, se a revelação partiu de um pedido de seu autor ou se ocorreu a contragosto. Nem mesmo a reação que teria causado em seu autor. Em *A Vida de Minas*, como já pontuamos, a identidade de Aníbal Machado já havia sido revelada. Na ocasião, se registrava a presença do escritor à visita de Alphonsus de Guimaraens. De fato, alguns autores como o próprio Alphonsus, Olavo Bilac e outros menos conhecidos hoje, como Agenor Barbosa, publicavam tanto em *A Vida de Minas* quanto em *A Cigarra*, o que tornaria difícil preservar um mistério em relação ao pseudônimo.

“Melodia de maio...” preenche uma página da revista e, como anunciado pelo seu editor, se divide em três partes. Essas partes, no entanto, se comunicam formando um todo. Texto de forte teor sugestivo, cumpre a conhecida ideia simbolista de que não se deve nomear as coisas para preservar o seu mistério. A inclinação a esse universo na forma como o texto se inicia: “Ah, o encanto simbolista dos roseirais em Maio!...”. Num misto de sensações indefinidas, temos um narrador embebido em lirismo que é atraído pelos sentidos ao perambular por jardins silenciosos:

Numa tarde lenta e antiga, em horas de crepúsculo, lembra-me quando os jardins solitários, embuçados em um manto de bruma, me chamaram pela voz dos perfumes que um dia me

penetraram, em golfões, pelo quarto a dentro. Lembra-me... Trazia a sensibilidade ainda nevoenta do inverno. Um encanto estranho de súbito transfigurada (que oculta voz misteriosa, lá fora, me tentava?). Acudi ao apelo mudo que me faziam os jardins silenciosos e saí a contemplar e a evocar qualquer coisa que não tinha vivido senão num vago e remoto passado e que se me acordava n'alma com a dolência de um êxtase hereditário. O milagre da luz, a revelação pelo perfume! (VERDE, 1920a).

É interessante observar como o texto lembra muito o universo literário e místico de Alphonsus de Guimaraens. Guardadas as diferenças, também encontraremos nesse texto de Antônio Verde uma amada distante e inalcançável, visitada apenas pelo passado, ligada a um universo cristão e até mesmo católico, como é o caso da prima Constança, que tanto marcou a poesia de Alphonsus. Vale registrar, nesse sentido, que, por ocasião da aparição de Antônio Verde nas páginas de *A Cigarra* também se noticiava, na mesma página, que o poeta Alphonsus de Guimaraens passaria a colaborar no periódico. Observando a divisão estabelecida no texto, na primeira parte de “Melodia de maio...”, encontramos um convite ao personagem que, numa fusão com o espaço, buscará a presença perdida de uma amada sem nome, cuja aparição lhe marcará profundamente. A segunda parte pontua particularmente esse momento em que a amada é vista e chamada, inclusive, de esposa. Na terceira parte constrói-se uma visão da amada, num misto de devaneio ou realização pelo sonho.

Como se vê no fragmento acima, retirado da primeira parte do texto, o personagem é chamado pela “voz dos perfumes” que emanam dos “jardins solitários”, nos quais se observa a típica bruma simbolista. Essa “voz”, que penetra como vento, vem buscar-lhe na solidão de seu quarto. Embora fosse maio, o chamamento vem marcado pela névoa do inverno. Diante do passado que lhe invade o ser e o toma completamente, sai a caminhar pelo “bíblico mistério de um morrer de tarde que finaliza, desfeita em sons de sino [...]”. As imagens religiosas perpassam o texto. Até mesmo numa certa vontade de se livrar do sofrimento elas estão presentes: “Pedira à saudade que exumasse de minh'alma essa outra furtiva alma antiga que se debatia em mim, feita de naves, sinos e incensos...”.

Na segunda parte, como dissemos, é narrada a cena do encontro com a figura feminina:

Vieste para mim, inconsciente e sonâmbula, pelo meio de uma noite festival (*sic.*) em que havia misteriosas lucilações de

auricalcos na curva escura do céu...

Nos jardins as gloxínias dormitavam; primeiramente eras sombra e te libravas no ar como uma fantástica libélula de asas invisíveis; depois te fostes aproximando e eu tremi diante da tua beleza impertérrita! (VERDE, 1920a).

Esta parte termina com a imagem da personagem chorando diante dos “quadros do martírio inútil de Jesus”.

Por fim, na terceira parte, temos uma espécie de devaneio que aparece fragmentado e intercalado pela pergunta “Quem foi, quem foi?” a funcionar como um refrão no texto. Se na segunda parte a palavra “esposa” é utilizada para se referir à moça desaparecida, agora se assume que outrora a desejou “em vão”. O corpo de sua amada surge-lhe então como uma visão em que os desejos podem ser realizados, tal qual no universo do sonho ou do devaneio:

E ei-la que se me abandona aos braços, trêmula ainda do exílio e me sorri! E na sombra lívida seguiu-se o rumor vago de um beijo mortal que ressoou doloroso e meigo, enquanto as minhas mãos erradas corriam o seu corpo já vencido... Pouco a pouco ondulando, silente e bela, via-a depois, num soluço longo e trágico, desaparecer pela treva misteriosa...

Quem foi, quem foi?

Trêmula e branca, apareceu-me, quando o meu sonho não mais pedía o seu nome, que ainda não sei; transida e estranha, sorriu-me quando o meu delírio a fazia sofrer; e, ferida e ofegante, na sombra sumiu-se quando o meu remorso apenas lhe queria pedir perdão! (VERDE, 1920a).

Ao caráter vago das informações, marcadas por uma caracterização nebulosa do devaneio, se une curiosamente um trabalho de adjetivação que em geral poderia delimitar o sentido do texto, mas que aqui corrobora a sua dimensão fugaz. Há ainda um jogo de assonâncias, com rimas toantes em algumas partes do texto, numa busca por uma melodia difícil de ser caracterizada. A prosa, assim estabelecida, ganha parentesco com a poesia num jogo de confluência nítido e caro aos escritores do início do século, quando se constata uma amálgama de estilos. A moça, à semelhança de “De um cigarro...”, não voltará e jamais saberemos o seu nome. O texto “Melodia de maio...”, tendo no próprio título um jogo das aliterações, se caracteriza pelo viés sonoro e sugestivo. Esse universo convive, cabe

lembrar, com a linguagem cristalina e a perspectiva mais objetiva de outros textos, na primeira fase do escritor quando se chamou Antônio Verde.

Um ano depois, a revista *A Cigarra* anunciou a chegada de Carlos Drummond de Andrade em suas páginas. Ao anunciar o poeta, menciona Aníbal Machado:

Carlos Drummond, que inicia neste número a sua colaboração na “*A Cigarra*”, é, ao lado do espírito singular de Antônio Verde (Aníbal M. Machado), o príncipe dos prosadores dos Novos de Minas.

Tem uma arte estranha dentro dum estilo sereno de escritor envelhecido nos resmundos intermináveis da pena, noites a dentro, pelas tiras brancas que se sucedem sem um término.

É um caso de rara precocidade artística não comum em prosadores patricios. A serenidade de sua arte, a ausência da música rumorosa das frases e do exagero de coloridos, inerentes a todos os artistas novos, dão-lhe ao estilo a justeza das expressões exatas e um forte exteriorizamento do seu espírito de criatura nascida antes do seu tempo ou num meio pequeno para comportá-lo (*A CIGARRA*, 1921).

A lembrança de Aníbal Machado, um ano depois, é curiosa e significativa. O escritor talvez já despertasse o interesse dos leitores, o que justificaria também a revelação de seu nome um ano antes em *A Cigarra*. Por outro lado, sabemos que Drummond e Aníbal eram amigos próximos e conviviam nessa época em Belo Horizonte. O texto que Drummond publicou, “O homem que andou muito...”, traz a história de um sujeito que atrai inúmeras mulheres que passam a caminhar consigo. Ao morrer, revela-se que nenhuma delas sabia o nome do personagem. A linguagem, se comparada ao último texto de Antônio Verde, apresenta maior objetividade ou, como pontuou o diretor da revista, não possui a “música rumorosa das frases e do exagero de coloridos”, havendo uma “justeza” nas “expressões exatas”. O texto de Drummond se distancia, nesse sentido, de “Melodia de maio...”. No entanto, se compararmos com o segundo texto de “Monólogos de Hamlet”, veremos que a aproximação pelo tratamento e pela linguagem é possível, apesar de no universo literário de Aníbal Machado, nessa época, conviverem duas vertentes diferentes.

As participações de Aníbal Machado nas obras *O capote do guarda* e *Brandão entre o mar e o amor* e posteriormente com a aparição de seu primeiro livro *Vila feliz*, veremos se consolidar a imagem de um escritor de corte clássico, como Antonio Candido (1993) caracterizou certa vez os modernistas mineiros, com uma linguagem cristalina e um estilo próprio.

As obras que se seguiram até a publicação de *João Ternura* confirmaram essa perspectiva. A dimensão mística, sombria e sugestiva permaneceu ligada ao tempo de Antônio Verde, que abrange o período anterior à sua mudança definitiva para o Rio de Janeiro, isto é, até 1923. A convivência de pelo menos duas perspectivas, nesse período, se vista por outro viés, está relacionada à amálgama de questões estéticas e ideológicas que marcam os primeiros decênios do século XX. Como se observa, a ideia de Pré-Modernismo é possível, mas direciona a abordagem de tal modo que pode diminuir a complexidade que envolve a primeira produção de Aníbal Machado. Talvez a abordagem do período como *Art Nouveau*, como foi proposta por José Paulo Paes (1985), abranja melhor a significação dos textos publicados pelo nome de Antônio Verde, incluindo-se aí a própria escolha do pseudônimo, numa perspectiva que o aproxima de João do Rio. Nesse sentido, o “estilo enfeitado” e o “desejo de armar efeitos”, considerados por Lúcia Miguel-Pereira como um defeito na obra de João do Rio, passam a ser vistos como um ornamentalismo próprio do período da *belle époque*. O decorativismo está presente não só na linguagem de Aníbal Machado nos textos que abordamos, mas pode ser relacionado à apresentação estética das próprias revistas, em especial de *A Vida de Minas*, e em outros elementos como a organização dos espaços urbanos e a moda da época, facilmente verificável nas incontáveis fotografias e imagens publicadas pelos dois periódicos.

Nesse período, encontramos um Aníbal Machado que se inicia na literatura por volta dos 20 anos de idade e vive experiências diversas. Reside em cidades diferentes como Aiuruoca e Belo Horizonte, ainda que seu desejo fosse o de se mudar para o Rio de Janeiro, conforme confessa em “Autobiografia”. Casa-se e começa a viver a paternidade, convivendo com escritores também iniciantes, mas de carreiras promissoras, como Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava. Ao se mudar para o Rio de Janeiro, não mais utilizará a máscara de Antônio Verde, que tão pouco o encobria, e também não manterá o pseudônimo como nome artístico. No Rio, publicará suas obras e alcançará importância indiscutível na literatura brasileira. Por ocasião de sua morte, Drummond escreve um poema em sua homenagem, no qual lhe chama de “mágico não sindicalizado”. Talvez seja esta uma forma poética eficiente de caracterizá-lo como Antônio Verde: “[...] do sobrado da Rua Tupis de Belo Horizonte, em cujo porão ele se chamou Antônio Verde e treinou suas primeiras mágicas” (ANDRADE, 1965, p. xii).

Referências

A CIGARRA. São Paulo: [s. n.], ano 8, n. 160, 15 mai. 1921. Disponível em: <<http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/revistas/CI192105160.pdf>> Acesso em: 24 mar. 2018.

ANDRADE, C. D. Balada em prosa de Aníbal Machado. In: MACHADO, A. *João Ternura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. p. xii-xiii.

A VIDA de Minas. Belo Horizonte. 1915-1916. Revista quinzenal. Revista dirigida por Cysalpino de Souza e Silva. Acervo particular.

A VIDA de Minas. Belo Horizonte. 1915-1916. Revista quinzenal. Disponível em: <https://issuu.com/apcbh/docs/c17-c_001>. Acesso em: 20 fev. 2016.

CANDIDO, A. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LIMA, B. *Canteiro de saudade*: pequena história contemporânea de Belo Horizonte (1910-1950). [Belo Horizonte]: CL Assessoria em Comunicação, 1996.

LOUÏS, P. *Une volupté nouvelle*. Disponível em: <http://www.bouquineux.com/pdf/Louys-Une_volupte_nouvelle.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2018.

MACHADO, A. *A arte de viver e outras artes*: Cadernos de João, ensaios, crítica dispersa, auto-retratos. Rio de Janeiro: Graphia, 1994.

MACHADO, A. *João Ternura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.

NAVA, P. *Beira-mar*. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

NAVA, P. *Chão de ferro*. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

PAES, J. P. O *art nouveau* na literatura brasileira. In: _____. *Gregos e Baianos*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 64-80.

PEREZ, R. Escritores brasileiros contemporâneos: Aníbal M. Machado. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 19284, p. 8-10, 4 fev. 1956.

TEIXEIRA, M. V. *João Ternura: romance de uma vida*. 2005. 107 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

VERDE, A. De um cigarro... [191-a]. Acervo de Escritores Mineiros – UFMG. Coleção Aníbal Machado. Reprodução de página avulsa da revista *A Vida de Minas*. Não paginado.

VERDE, A. [Estão lhe vendo a carantonha?] [191-b]. Acervo de Escritores Mineiros – UFMG. Coleção Aníbal Machado. Reprodução de página avulsa da revista *A Vida de Minas*. Não paginado.

VERDE, A. Melodia de maio... *A Cigarra*, São Paulo, ano 7, n. 135, maio 1920a. Disponível em: <<http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/revistas/CI192005135.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

VERDE, A. Monólogos de Hamlet. *A Cigarra*, São Paulo, ano 7, n. 132, mar. 1920b. Disponível em: <<http://200.144.6.120/uploads/acervo/periodicos/revistas/CI192003132.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

VERDE, A. Último festim. *A Vida de Minas*, Belo Horizonte, ano 1, n. 2, ago. 1915. Não paginado.

Recebido em: 30 de março de 2018.

Aprovado em: 13 de junho de 2018.

